

Corrupção no País é “persistente”, corrigem os EUA

ACM e Temer criticam relatório no Congresso

Luís Eduardo Leal e Patrícia Oliveira (*)
de Brasília

A embaixada dos Estados Unidos no Brasil encaminhou ontem ao governo brasileiro uma versão alterada do relatório feito pelo Departamento de Comércio dos EUA em que foram feitas avaliações desfavoráveis ao País relacionadas à corrupção e aos sistemas jurídico e de ensino. No documento enviado ao Secretário de Comunicação Social e porta-voz da presidência, embaixador Sérgio Amaral, a referência a que a “corrupção é ainda endêmica na cultura” foi substituída por expressão mais amena, a de que “a corrupção é um problema persistente”. A alteração não foi comunicada ao porta-voz, que imaginou ter tomado conhecimento da versão original – um jornalista o alertou sobre a diferença entre os dois textos.

Mesmo assim, o tom que o porta-voz assumiu foi diplomático: “O relatório não menciona um único fato ou faz qualquer referência ao governo federal. E reconhece o esforço deste governo no combate à corrupção. O presidente espera que em um próximo relatório, se vier a ser feito, se reflita melhor a situação atual, e não a do passado. E se reflita também a transparência com a qual o governo trata de assuntos de corrupção”, disse Sérgio Amaral.

O porta-voz também notou que “um relatório burocrático não reflete necessariamente a posição do governo ou do presidente dos Estados Unidos”. Ao ser questionado sobre a alteração no teor do texto, Amaral respondeu: “Se mudaram, é uma questão deles. Significa o reconhecimento de que foram excessivos, de que esse relatório é excessivo”.

O documento americano, preparado pelo Departamento de Comércio dos Estados Unidos para orientar investidores e empresários interessados no Brasil, despertou reações bem mais

enérgicas no Congresso. A mais exaltada delas foi a do presidente do Senado, Antônio Carlos Magalhães, que atacou o presidente americano, Bill Clinton. “O presidente Clinton é vítima de vários processos fundamentais e pode até perder o cargo em um desses processos”, afirmou. “Não sei com que autoridade um país que tem um presidente como aquele pode reclamar de outro. Temos que reagir. Do contrário, só porque somos mais pobres, vamos ser sempre humilhados”, acrescentou ACM.

As críticas do senador resvalaram também na própria diplomacia brasileira e no presidente Fernando Henrique Cardoso. “Eu reajo assim, mas infelizmente os

diplomatas não gostam disso. Por isso, se repetem conceitos como este do Brasil”, afirmou ACM. Ele disse ainda que respeita a posição do presidente Fernando Henrique Cardoso, quando ele afirmou, anteontem, em entrevista a jornalistas americanos, que não há sinais de corrupção no país – já em resposta à divulgação do documento – mas salientou que acha

que FHC deveria ter sido mais enérgico contra o documento.

O presidente da Câmara, Michel Temer, também criticou o relatório que, na sua avaliação, é “pouco diplomático” e reflete “lamentavelmente” teses imperialistas. “Soube que o relatório faz juízos de valor em vários países. Esse é um princípio imperialista”, observou Temer, para quem o documento “certamente não ajuda” os Estados Unidos a atrair parceiros no continente para implementar a Área de Livre Comércio das Américas (Alca).

Ao comentar a questão da corrupção aos jornalistas americanos, o presidente disse que há apenas duas ameaças ao seu prestígio: denúncias de corrupção e a volta da inflação, com repercussão no custo de vida dos trabalhadores.

(*) do Invest News



Sérgio Amaral